

---

O sargento dá uma olhada na madre Patrocínio e a mosca continua lá. A lancha cabeceia sobre as águas turvas, entre duas muralhas de árvores que exalam um bafo ardente, pegajoso. Enovelados debaixo do teto de folhas de palmeira, nus da cintura para cima, os guardas dormem protegidos pelo esverdeado, amarelado sol do meio-dia: a cabeça do Pequeno está sobre a barriga do Pesado, o Louro sua em bicas, o Escuro grunhe de boca aberta. Uma nuvenzinha de borrachudos escolta a lancha, entre os corpos evoluem borboletas, vespas, mutucas. O motor ronca com regularidade, engasga, ronca de novo e o piloto Nieves empunha o leme com a mão esquerda, com a direita fuma e seu rosto lustroso permanece inalterável sob o chapéu de palha. Esses selvagens não eram normais, por que não suavam como outros cristãos? Empertigada na popa, a madre Angélica está de olhos fechados, em seu rosto há pelo menos mil rugas, às vezes põe uma pontinha da língua para fora, suga o suor do bigode e cospe. Pobre velhinha, não aguentava o tranco. A mosca bate as asinhas azuis, decola da testa rosada da madre Patrocínio com um suave impulso, some riscando círculos na luz branca e o piloto ia desligar o motor, sargento, já estavam chegando, atrás dessa bocaina vinha Chicais. Mas o coração do sargento dizia não vamos encontrar ninguém. O ruído do motor se interrompe, as madres e os guardas abrem os olhos, levantam as cabeças, olham. De pé, o piloto Nieves gira o leme à direita e à esquerda, a lancha se aproxima silenciosamente da margem, os guardas se levantam, põem as camisas, os quepes, ajeitam as perneiras. A paliçada vegetal da margem direita se interrompe bruscamente quando ultrapassam a curva do rio e há um barranco, um breve parêntese de terra vermelha que desce até uma minúscula enseada de lodo, pedregulhos, moitas de bambu e de samambaias. Não se vê nenhuma canoa na margem, nenhuma silhueta humana no barran-

co. A embarcação fica imóvel, Nieves e os guardas saltam, chapinhando no lodo cor de chumbo. Aquilo era um cemitério, o coração não enganava, os mangaches tinham razão. O sargento está debruçado na proa, o piloto e os guardas arrastam a lancha até a terra seca. Que ajudem as *madrecitas*, façam cadeirinha para elas não se molharem. A madre Angélica vai séria nos braços do Escuro e do Pesado, a madre Patrocinio hesita quando o Pequeno e o Louro unem suas mãos para recebê-la e, deixando-se cair, fica vermelha como um camarão. Os guardas atravessam a praia cambaleando, deixam as madres onde termina o lodo. O sargento pula, chega ao pé do barranco e a madre Angélica já está subindo a encosta, muito decidida, seguida pela madre Patrocinio, as duas engatinhando, desaparecendo entre redemoinhos de poeira ruiva. A terra do barranco é fofa, cede a cada passo, o sargento e os guardas avançam afundando até os joelhos, agachados, sufocados pela poeira, com o lenço apertado contra a boca, o Pesado espirrando e cuspidando. No topo se espanam os uniformes e o sargento olha: uma clareira circular, um punhado de cabanas de teto cônico, pequenos roçados de mandioca e de banana e, em volta, mato fechado. Entre as cabanas, arvorezinhas com sacos ovais pendurados nos galhos: ninhos de xexéus. Ele tinha avisado, madre Angélica, lembre-se, nem uma alma, estão vendo. Mas a madre Angélica anda de um lado para outro, entra numa cabana, sai e mete a cabeça na cabana ao lado, enxota as moscas a tapas, não para um segundo e, assim, de longe, esmaecida pela poeira, não é uma anciã e sim um hábito ambulante, ereto, uma sombra enérgica. Em contrapartida, a madre Patrocinio está imóvel, com as mãos escondidas no hábito, e seus olhos percorrem o povoado vazio uma e outra vez. Uns galhos se mexem e se ouvem grasnidos, uma esquadrilha de asas verdes, bicos negros e peitinhos azuis revoa sonoramente sobre as cabanas desertas de Chicais, os guardas e as madres os acompanham até que são engolidos pelo mato, sua gritaria ainda dura um pouco mais. Havia papagaios, era bom saber para o caso de faltar comida. Mas davam disenteria, madre, quer dizer, a barriga ficava solta. No barranco aparece um chapéu de palha, o rosto queimado do piloto Nieves: então os aguarunas se assustaram, *madrecitas*. Que teimosas, por que não lhe deram ouvidos. A madre Angélica se aproxima, examina aqui e ali com os olhinhos enrugados, e suas

mãos nodosas, rígidas, cheias de pintas castanhas se agitam na cara do sargento: estavam por perto, não tinham levado as suas coisas, precisavam esperar até que voltassem. Os guardas se entreolham, o sargento acende um cigarro, dois xexéus vão e vêm pelo ar, suas penas negras e douradas reluzem com brilhos úmidos. Passarinhos também, havia de tudo em Chicais. Menos aguarunas, e o Pesado ri. Por que não chegamos de supetão?, a madre Angélica ofega, por acaso não os conhecia, *madrecita?*, o penacho de pelos brancos do seu queixo treme suavemente, eles tinham medo dos cristãos e se escondiam, nem em sonhos voltariam enquanto estivessem aqui não veriam nem sombra deles. Pequena, roliça, a madre Patrocínio também está ali, entre o Louro e o Escuro. Mas ano passado não se esconderam, foram recebê-los e até lhes deram um tambaqui fresquinho, o sargento não se lembrava? Mas na época eles não sabiam, madre Patrocínio, agora sim, entenda. Os guardas e o piloto Nieves se sentam no chão, tiram os sapatos, o Escuro abre o cantil, bebe e suspira. A madre Angélica ergue a cabeça: montem as barracas, sargento, um rosto vincado, ponham os mosquiteiros, um olhar líquido, iam esperar que voltassem, uma voz alquebrada, e não faça essa cara, ela tinha experiência. O sargento joga fora o cigarro, enterrou-o com o pé, já ouviram, rapazes, que se mexessem. E então se ouve um cacarejo e uma moita cospe uma galinha, o Louro e o Pequeno dão um grito de júbilo, preta, correm atrás dela, com pintas brancas, capturam-na e os olhos da madre Angélica faíscam, bandidos, o que estão fazendo, seu punho vibra no ar. Por acaso era deles?, que a soltassem, e o sargento que a soltassem mas, madres, se iam mesmo ficar lá precisavam comer, não queriam passar fome. A madre Angélica não ia permitir abusos, que confiança podiam ter neles se roubavam seus bichinhos? E a madre Patrocínio concorda, sargento, roubar era ofender a Deus, com seu rosto redondo e saudável, não conhecia os mandamentos? A galinha, no chão, cacareja, cata pulgas nas axilas, foge rebolando e o sargento encolhe os ombros: por que tinham ilusões se elas os conheciam tanto ou mais que ele. Os guardas vão até o barranco, nas árvores os papagaios e os xexéus estão gritando de novo, há zumbidos de insetos, uma brisa leve agita as folhas de jarina dos tetos de Chicais. O sargento afrouxa as perneiras, resmungando entre os dentes, parece estar emburrado e o piloto Nieves

lhe dá uma palmada no ombro, sargento: não fique de mau humor, leve as coisas com calma. E o sargento aponta furtivamente para as madres, dom Adrián, esse tipo de servicinho lhe doía na alma. A madre Angélica estava com muita sede e talvez um pouco de febre, seu espírito continuava animado, mas o corpo já vivia cheio de achaques, madre Patrocinio e ela não, não, que não dissesse isto, madre Angélica, agora que os guardas subiram ia tomar uma limonada e já se sentiria melhor, que não se preocupasse. Falavam da sua pessoa?, o sargento observa em volta com um olhar distraído, pensavam que era idiota?, abana o rosto com o quepe, esses dois *galinaços*!, e de repente se vira para o piloto Nieves: segredinho, segredão é falta de educação e olhe, sargento, os guardas estavam voltando às pressas. Uma canoa?, e o Escuro sim, com aguarunas?, e o Louro sim, meu sargento, e o Pequeno sim, e o Pesado e as madres, sim, sim, vão e perguntam e vêm sem rumo e o sargento que o Louro voltasse até o barranco e avisasse se estão subindo, os outros que se escondam e o piloto Nieves apanha as perneiras, os fuzis do chão. Os guardas e o sargento entram numa cabana, as madres continuam na clareira, *madrecitas*, escondam-se, madre Patrocinio, rápido, madre Angélica. Elas se entreolham, cochicham, dão pulinhos, entram na cabana da frente e, da moita onde se oculta, o Louro aponta um dedo para o rio, já iam descer meu sargento, estavam amarrando a canoa, já iam subir meu sargento e ele idiota, que viesse e se escondesse, Louro, não durma. Deitados de bruços, o Pesado e o Pequeno espiam pelos interstícios do tabique de talos da palmeira babunha; o Escuro e o piloto Nieves estão em pé, no fundo da cabana, e o Louro chega correndo e se agacha ao lado do sargento. Lá estavam, madre Angélica, lá estavam e a madre Angélica podia ser velha mas tinha boa vista, madre Patrocinio, já os via, eram seis. A velha, cabeluda, está com uma tanga branca e dois tubos de carne mole e escura pendem até sua cintura. Atrás dela, dois homens sem idade, baixos, barrigudos, de pernas esqueléticas, o sexo coberto com pedaços de tecido ocre amarrados com cipó, as nádegas nuas, os cabelos em franja até as sobrancelhas. Trazem cachos de bananas. Depois vêm duas meninas com diademas de fibra, uma delas usa um brinco no nariz, a outra, pulseiras de couro nos tornozelos. Estão nuas como o menino que as segue, e ele parece menor e é mais magro. Olham a clareira de-

serta, a mulher abre a boca, os homens mexem as cabeças. Vão falar com eles, madre Angélica? E o sargento sim, lá vão as madres, atenção rapazes. As seis cabeças giram ao mesmo tempo, ficam paradas. As madres avançam até o grupo com passos iguais, sorrindo, e simultâneos, quase imperceptíveis, os aguarunas se aglomeram, imediatamente formam um só corpo, terroso e compacto. Os seis pares de olhos não se desviam das duas figuras cheias de pregas escuras que flutuam até eles e se escapulissem tinham que correr, rapazes, nada de tiros, nada de assustá-los. Deixavam que elas se aproximassem, meu sargento, o Louro pensava que iam fugir quando as vissem. E que jeitosinhas as meninas, que novinhas, não é, meu sargento?, este Pesado não tinha jeito. As madres param e, ao mesmo tempo, as meninas recuam, estendem os braços, agarram as pernas da velha que começou a bater nos próprios ombros com a mão aberta, cada palma da estremece suas enormes tetas, balançando-as: que o Senhor estivesse com eles. E a madre Angélica dá um grunhido, cospe, solta uma saraivada de sons rangentes, toscos e sibilantes, faz uma pausa para cuspir e, ostentosa, marcial, continua grunhindo, suas mãos evoluem, desenham traços solenes diante dos imóveis, pálidos, impassíveis rostos aguarunas. A *madrecita* estava palavreando com eles em pagão, rapazes, e cuspiu igualzinho às índias. Disso eles deviam gostar, meu sargento, que uma cristã falasse o seu idioma, mas que fizessem menos algazarra, rapazes, se eles ouvissem iam se assustar. Os grunhidos da madre Angélica chegam até a cabana muito nítidos, robustos, exagerados, e agora o Escuro e o piloto Nieves também espiam a clareira, com os rostos encostados no tabique. A freirinha estava com os índios na palma da mão, rapazes, que esperta, e as madres e os dois aguarunas sorriem, trocam reverências. E além do mais cultíssima, o sargento sabia que na missão elas ficavam estudando? Deviam ficar é rezando, Pequeno, pelos pecados do mundo. A madre Patrocínio sorri para a velha, esta desvia os olhos e continua muito séria, com as mãos nos ombros das meninas. O que estariam dizendo, meu sargento, como conversavam. A madre Angélica e os dois homens fazem caretas, gestos, cospem, disputam a palavra e, de repente, as três crianças se afastam da velha, correm, riem muito alto. O guri estava olhando para eles, rapazes, não tirava a vista daqui. Que magrinho era, o sargento reparou?, uma tre-

menda cabeçorra e tão pouquinho corpo, parecia uma aranha. Debaixo da moita de cabelos, os olhos grandes do menino apon- tam fixamente para a cabana. Está torrado como uma formiga, suas pernas são curvas e frágeis. De repente levanta a mão, grita, rapazes, desgraçado, meu sargento, e há uma violenta agitação atrás do tabique, xingamentos, empurrões e explodem vozes guturais na clareira quando os guardas chegam correndo e tropeçando. Baixem esses fuzis, suas antas, a madre Angélica mostra as mãos iracundas para os guardas, ah, eles iam ver com o tenente. As duas meninas escondem as cabeças no peito da velha, esmagam seus seios moles e o garotinho permanece sozinho, entre os guardas e as madres. Um dos aguarunas larga o cacho de bananas, em algum lugar a galinha cacareja. O piloto Nieves está na entrada da cabana, com o chapéu de palha puxado para trás, um cigarro entre os dentes. E o que o sargento pensava, e a madre Angélica dá um pulinho, por que se metia onde não era chamado? Mas se baixassem os fuzis eles sumiriam na mesma hora, madre, ela mostra o punho sardento e ele baixem as máuseres, rapazes. Suave, contínua, a madre Angélica fala com os aguarunas, suas mãos rígidas desenham figuras lentas, persuasivas, pouco a pouco os homens perdem a rigidez, agora respondem com monossílabos e ela risonha, inexorável, continua grunhindo. O menino se aproxima dos guardas, fareja os fuzis, apalpa-os, o Pesado lhe dá um tapinha na testa, ele se agacha e berra, era desconfiado o sacaninha e a risada sacode a cintura flácida do Pesado, sua papada, suas bochechas. A madre Patrocinio se transfigura, sem-vergonha, o que dizia, por que faltava assim com o respeito, seu grosso e o Pesado mil desculpas, balança sua confusa cabeça de boi, escapuliu sem querer, madre, tem a língua solta. As meninas e o garotinho circulam entre os guardas. Examinam, tocam em seus corpos com a ponta dos dedos. A madre Angélica e os dois homens murmuram amigavelmente e o sol ainda brilha ao longe, mas nos arredores está escuro e acima do bosque se amontoa outro bosque de nuvens brancas e frondosas: ia chover. A madre Angélica xingou antes, madre, e eles o que tinham falado. A madre Patrocinio sorri, que bobagem, anta não era xingamento, era um bicho de cabeça dura como a dele e a madre Angélica se vira para o sargento: iam comer com eles, tragam as lembrancinhas e as limonadas. Ele assente, dá instruções

ao Pequeno e ao Louro apontando para o barranco, banana verde e peixe cru, rapazes, um puta banquete. Os meninos rodam em torno do Pesado, do Escuro e do piloto Nieves, e a madre Angélica, os homens e a velha arrumam folhas de bananeira no chão, entram nas cabanas, trazem recipientes de barro, mandioca, acendem uma pequena fogueira, enrolam bagres e linguados em grandes folhas de bananeira que amarram com fibra de cipó e põem no fogo. Iam esperar os outros, sargento? Isso não teria mais fim, e o piloto Nieves joga fora o cigarro, os outros não iam voltar, tinham ido embora porque não queriam visitas e na certa estes aqui aproveitariam o primeiro descuido. Sim, o sargento sabia, mas era inútil brigar com as *madrecitas*. O Pequeno e o Louro voltam com as sacolas e as garrafas térmicas, as madres, os aguarunas e os guardas estão sentados em círculo diante das folhas de bananeira, a velha espantando os insetos a tapas. A madre Angélica distribui os presentes e os aguarunas os recebem sem demonstrar muito entusiasmo, mas depois, quando as madres e os guardas começam a comer pedacinhos de peixe que arrancam com as mãos, os dois homens, sem se olhar, abrem as sacolas, acariciam espelinhos e colares, dividem as contas coloridas e nos olhos da velha se acendem súbitas luzes ambiciosas. As meninas disputam uma garrafa, o garotinho mastiga com fúria e o sargento ia passar mal, merda, ia ter diarreia, ficaria inchado feito um sapo barrigudo, no seu corpo iam aparecer calombos que explodiriam e sairia pus. Está com um pedaço de peixe na ponta dos lábios, seus olhinhos piscam e o Escuro, o Pequeno e o Louro também fazem muxoxo, a madre Patrocinio fecha os olhos, engole, seu rosto se crispa, e só o piloto Nieves e a madre Angélica estendem as mãos constantemente para as folhas e com uma espécie de regozijo pressuroso desfiam a carne branca, tiram as espinhas e põem na boca. Na selva todo mundo era um pouco bárbaro, até as madres, que maneira de comer. O sargento solta um arrote, todos olham e ele tosse. Os aguarunas puseram os colares nos pescoços, ficam mostrando um para o outro. As bolinhas de vidro são grená e fazem contraste com a tatuagem que enfeita o peito daquele que usa seis pulseiras de contas num braço e três no outro. Quando iam partir, madre Angélica? Os guardas olham para o sargento, os aguarunas param de mastigar. As meninas estendem as mãos, tocam timidamente nos colares des-

lumbrantes, nas pulseiras. Tinham que esperar os outros, sargento. O aguaruna de tatuagem grunhe e a madre Angélica sim, sargento, está vendo?, coma, eles se ofendem com tanto nojo. Ele estava sem fome mas queria lhe dizer uma coisa, *madrecita*, não podiam ficar mais tempo em Chicais. A madre Angélica está com a boca cheia, o sargento viera ajudar, sua mão miúda e pé-trea aperta uma garrafa de limonada, não para dar ordens. O Pequeno tinha ouvido o tenente, o que ele disse?, e ele que voltassem em menos de oito dias, madre. Já passaram cinco, e quantos para voltar, dom Adrián?, três dias se não chovesse, viu só?, eram ordens, madre, não fique aborrecida com ele. Junto com o rumor da conversa entre o sargento e a madre Angélica há outro, áspero: os aguarunas dialogam em altos brados, batem nos braços uns dos outros e comparam as pulseiras. A madre Patrocínio engole e abre os olhos, e se os outros não voltassem?, e se demorassem um mês para voltar?, claro que era só uma opinião, e fecha os olhos, talvez esteja enganada, e engole. A madre Angélica franze o cenho, surgem novas linhas no seu rosto, sua mão acaricia a mechinha de pelos brancos do queixo. O sargento bebe um gole do cantil: pior que purgante, tudo ficava quente nesta terra, não era o calor de Piura, o daqui apodrecia tudo. O Pesado e o Louro estão deitados de costas, os quepes em cima do rosto, e o Pequeno queria saber se alguém estava a par daquilo, dom Adrián, e o Escuro é mesmo, que continue, que conte, dom Adrián. Eram meio peixe e meio mulher, ficavam no fundo das lagoas esperando os afogados e, quando uma canoa virava, vinham e pegavam os cristãos e os levavam para os seus palácios lá de baixo. Colocavam-nos numas redes que não eram de juta e sim de cobras, e lá faziam a festa com eles, e a madre Patrocínio já estavam falando de superstições?, e eles não, não, e se achavam cristãos?, nada disso, *madrecita*, estavam se perguntando se ia chover. A madre Angélica inclina-se para os aguarunas grunhindo docemente, sorrindo com obstinação, está com as mãos entrelaçadas e os homens, sem sair do lugar, pouco a pouco se endireitam, alongam os pescoços como garças tomando sol na beira do rio e surge um vaporzinho, e alguma coisa assombra, dilata suas pupilas e o peito de um deles incha, sua tatuagem se destaca, se apaga, se destaca e gradualmente vão avançando em direção à madre Angélica, muito atentos, graves, mudos, e a velha cabeluda abre os braços,

pega as meninas. O garotinho continua comendo, rapazes, agora vinha a parte difícil, atenção. O piloto, o Pequeno e o Escuro fazem silêncio. O Louro se levanta de olhos vermelhos e sacode o Pesado, um aguaruna olha de soslaio para o sargento, depois para o céu, e agora a velha abraça as meninas, incrusta-as em seus seios amplos e listrados e os olhos do garotinho oscilam da madre Angélica para os homens, destes para a velha, desta para os guardas e a madre Angélica. O aguaruna da tatuagem começa a falar, o outro o imita, a velha, uma tempestade de sons abafa a voz da madre Angélica que agora nega com a cabeça e com as mãos e de repente, sem deixar de roncar nem de cuspir, lentos, cerimoniosos, os dois homens tiram os colares, as pulseiras e cai uma chuva de miçangas sobre as folhas de bananeira. Os aguarunas estendem as mãos para os restos de peixe, entre os quais passa um fino arroio de formigas pardas. Ficaram bravos, rapazes, mas eles estavam preparados, meu sargento, era só mandar. Os aguarunas limpam as sobras de carne branca e azul, apanham as formigas com as unhas, esmagam-nas e com muito cuidado envolvem a comida nas folhas venosas. Que o Pequeno e o Louro se encarreguem das meninas, recomendava o sargento e o Pesado que sortudos. A madre Patrocínio está muito pálida, mexe os lábios, seus dedos apertam as contas negras de um rosário e, cuidado, sargento, que não se esquecessem de que eram meninas, está bem, está bem, e que o Pesado e o Escuro mantivessem aquela gente nua no lugar e que a madre não se preocupasse e a madre Patrocínio ai e se cometessem brutalidades e o piloto se encarregaria das coisas, rapazes, nada de brutalidades: Santa Maria, Mãe de Deus. Todos olham para os lábios exangues da madre Patrocínio, e ela Rogai por nós, tritura com os dedos as bolinhas pretas e a madre Angélica acalme-se, madre, e o sargento já, era agora. E se levantam, sem pressa. O Pesado e o Escuro sacodem as calças, abaixam-se, apanham os fuzis e agora há correrias, gritos e na hora, pisões, o menininho tapa a cara, da nossa morte, e os dois aguarunas ficaram rígidos, amém, seus dentes estão batendo e seus olhos perplexos fitam os fuzis que apontam para eles. Mas a velha está em pé forçando com o Pequeno e as meninas se debatem como enguias entre os braços do Louro. A madre Angélica cobre a boca com um lenço, a poeira cresce e fica espessa, o Pesado espirra e o sargento pronto, po-

diam ir para o barranco, rapazes, madre Angélica. E quem ia ajudar o Louro, sargento, não vê que eles estavam se soltando? O Pequeno e a velha rolam abraçados no chão, que o Escuro fosse ajudá-lo, o sargento o substituiria, vigiaria o pelado. As madres andam até o barranco de braços dados, o Louro arrasta duas figuras emboladas e gesticulantes e o Escuro puxa furiosamente as madeixas da velha até que o Pequeno se liberta e fica em pé. Mas a velha vai atrás deles, alcança-os, arranha, e o sargento pronto, Pesado, já foram embora. Recuam sem deixar de apontar para os dois homens, deslizam sobre os calcanhares e os aguarunas se levantam ao mesmo tempo e avançam imantados pelos fuzis. A velha pula feito um cuatá, cai e captura dois pares de pernas, o Pequeno e o Escuro cambaleiam, Mãe de Deus, também caem e que a madre Patrocínio não grite assim. Uma brisa rápida vem do rio, escala a encosta e traz ativos, envolventes torvelinhos alaranjados e grãos de terra robustos, aéreos como moscões. Os dois aguarunas ficam dóceis diante dos fuzis e o barranco está muito próximo. Se por acaso se aventurassem contra ele, o Pesado atiraria? E a madre Angélica bruto, podia matá-los. O Louro pega a menina de brinco pelo braço, por que não desciam, sargento?, a outra pelo pescoço, mas elas se safavam, estavam se safando dele e não gritam mas fazem força e suas cabeças, ombros, pés e pernas lutam e batem e vibram e o piloto Nieves passa carregando garrafas térmicas: vamos logo, dom Adrián, não estava esquecendo nada? Não, nada, quando o sargento quiser. O Pequeno e o Escuro seguram a velha pelos ombros e pelos cabelos e ela está sentada berrando, vez por outra bate sem força nas pernas deles e bendito era o fruto, mãe, mãe, do seu ventre e escapuliam do Louro, Jesus. O homem de tatuagem olha o fuzil do Pesado, a velha dá um alarido e chora, dois fios úmidos abrem finíssimos canais na crosta de poeira do seu rosto e que o Pesado não fosse doido. Mas se eles se aventurassem, sargento, ia partir seus crânios, nem que fosse com uma coronhada, sargento, e se acabava a brincadeira. A madre Angélica tira o lenço da boca: bruto, por que dizia maldades?, por que o sargento permitia aquilo?, e o Louro podia ir descendo?, essas bandidas o estavam esfolando. As mãos das meninas não chegam até o rosto do Louro, só até o pescoço, já cheio de riscos violáceos, e rasgaram sua camisa e arrancaram os botões. Às vezes parecem desanimar, relaxam o cor-

po, gemem e atacam de novo, seus pés nus se chocam contra as perneiras do Louro, ele pragueja e as sacode, elas continuam silenciosamente e que a madre desça, o que estava esperando, e também o Louro e a madre Angélica, por que as apertava assim se eram meninas?, do seu ventre Jesus, mãe, mãe. Se o Pequeno e o Escuro a soltassem, a velha se jogaria em cima deles, sargento, que faziam?, e o Louro deixe que ela as segure, olhe só, madre, não está vendo como o arranham? O sargento agita o fuzil, os aguarunas pulam, dão um passo atrás e o Pequeno e o Escuro saltam a velha, com as mãos prontas para defender-se, mas ela não se mexe, só esfrega os olhos e ali está o garotinho, como que isolado pelos redemoinhos: ele se acocora e mete o rosto entre as tetas líquidas. O Pequeno e o Escuro vão ladeira abaixo, uma muralha rosácea os engole aos poucos, e como o Louro fazia para descer com elas sozinho, merda, o que estava acontecendo, sargento, por que iam embora e a madre Angélica se aproxima gesticulando resoluto: ela ajudava. Estende as mãos para a menina do brinco, mas não toca nela e se dobra e o pequeno punho bate outra vez e o hábito afunda e a madre Angélica solta um gemido e se encolhe: o que eu lhe disse, o Louro sacode a menina como um trapo, madre, não era uma fera? Pálida e encolhida, a madre Angélica insiste, segura o braço com as duas mãos, Santa Maria, e agora uivam, Mãe de Deus, esperneiam, Santa Maria, arranham, todos tosem, Mãe de Deus e em vez de tanta reza era melhor que fossem descendo, madre Patrocinio, por que se assustava tanto e até que hora, merda, e até quando, desçam logo que o sargento já estava irritado, merda. A madre Patrocinio dá meia-volta, segue encosta abaixo e some, o Pesado avança o fuzil e o índio de tatuagem recua. Com que ódio olhava, sargento, parecia rancoroso o filho da puta, e orgulhoso: deviam ser assim os olhos do *chulla-chaqui*, sargento. Ficam mais distantes as nuvens que envolvem todos os que estão descendo, a velha chora e se contorce, os dois aguarunas observam o cano, a culatra, as bocas redondas dos fuzis: que o Pesado não mexesse o pulso. Certo, sargento, mas que maneira de olhar era esta, cacete, que direito eles tinham. O Louro, a madre Angélica e as meninas também se desvanecem entre ondas de poeira e a velha se arrastou até a beira do barranco, olha para o rio, seus mamilos tocam na terra e o garoto emite sons estranhos, grita desesperado como uma ave

lúgubre e o Pesado não gostava de estar tão perto dos selvagens, sargento, como iam fazer para descer agora que estavam sozinhos. E então o motor da lancha ronca: a velha se cala e levanta o rosto, olha para o céu, o garotinho a imita, os dois aguarunas a imitam e os imbecis estavam procurando um avião, Pesado, não percebiam, era agora. Recuam o fuzil e de repente o avançam, os dois homens pulam para trás e gesticulam e então o sargento e o Pesado descem de costas, sempre apontando, afundando até os joelhos e o motor ronca cada vez mais forte, envenena o ar com soluços, gargarejos, vibrações e sacudidas e na encosta não é como na clareira, não há brisa, só ar quente e uma poeira vermelha e ardida que faz espirrar. Borradas, no alto do barranco umas cabeças peludas exploram o céu, balançam suavemente procurando algo entre as nuvens e o motor estava lá e as meninas chorando, Pesado, e ele o que fazer?, meu sargento, não aguentava mais. Atravessam o lodo correndo e quando chegam à lancha estão ofegantes, com a língua de fora. Já era hora, por que tinham demorado tanto? Como queriam que o Pesado subisse, vocês estão muito confortáveis, seus safados, arranjem lugar. Mas ele precisava emagrecer, olhem só, o Pesado subia e a lancha afundava e não era hora para brincadeiras, que saiam de uma vez, sargento. Saíam agorinha mesmo, madre Angélica, da nossa morte amém.

---

# I

Ouviu-se uma porta bater, a superiora levantou o rosto da es-  
crivaninha, a madre Angélica entrou como uma tromba-d'água  
no gabinete, suas mãos lívidas caíram sobre o encosto de uma  
cadeira.

— O que houve, madre Angélica? Por que está assim?

— Fugiram, madre! — balbuciou a madre Angélica.

— Não ficou nenhuma, meu Deus.

— O que disse, madre Angélica — a superiora levantou-  
-se com um pulo e já avançava para a porta. — As pupilas?

— Meu Deus, meu Deus! — assentia a madre Angélica  
fazendo movimentos curtos, idênticos, muito rápidos, com a ca-  
beça, como uma galinha ciscando.

Santa María de Nieva fica na desembocadura do Nieva  
no Alto Marañón, dois rios que abraçam a cidade e são seus li-  
mites. À sua frente, emergem do Marañón duas ilhas que servem  
aos moradores para medir as crescentes e as vazantes. Quando  
não há névoa se divisam do povoado, atrás, morros cobertos de  
vegetação e, na frente, águas abaixo pelo rio largo, os maciços  
da cordilheira que o Marañón perfura no pongo de Manseriche:  
dez quilômetros violentos de redemoinhos, pedras e correntezas  
que começam numa guarnição militar, a de Tenente Pinglo, e  
acabam noutra, a de Borja.

— Por aqui, madre — disse a madre Patrocínio. —  
Olhe, a porta está aberta, foi por aqui.

A madre superiora levantou a lamparina e se inclinou: o  
mato era uma sombra uniforme alagada de insetos. Pôs a mão na  
porta entreaberta e virou-se para as madres. Os hábitos haviam  
desaparecido na noite, mas os véus brancos resplandeciam como  
plumagens de garças.

— Procure a Bonifacia, madre Angélica — sussurrou a  
superiora. — Leve-a ao meu gabinete.

— Sim, madre, agora mesmo — a lamparina iluminou por um segundo o queixo trêmulo da madre Angélica, seus olhos que piscavam.

— Vá avisar dom Fabio, madre Griselda — disse a superiora. — E você o tenente, madre Patrocínio. Que comecem a procurá-las agora mesmo. Depressa, madres.

Dois halos alvos se separaram do grupo em direção ao pátio da missão. A superiora, seguida pelas madres, andou até a residência, encostada no muro do pomar, onde um grasnido abafava, a intervalos caprichosos, o adejar dos morcegos e o canto dos grilos. Entre as árvores frutíferas viam-se piscadas e brilhos, vagalumes?, olhos de corujas? A superiora parou em frente à capela.

— Entrem, madres — disse suavemente. — Peçam à Virgem que não ocorra nenhuma desgraça. Eu volto depois.

Santa Maria de Nieva é como uma pirâmide irregular e sua base são os rios. O porto fica no Nieva e em torno do cais flutuante balançam as canoas dos aguarunas, os botes e lanchas dos cristãos. Mais acima fica a praça quadrada de terra ocre, em cujo centro se erguem dois troncos de pau-mulato, lisos e cor-pulentos. Num deles os guardas hasteiam a bandeira nas Festas Patrióticas. E em volta ficam a delegacia de polícia, a residência do governador, várias casas de cristãos e a cantina de Paredes, que também é comerciante, carpinteiro e sabe preparar puçangas, essas poções que contagiam de amor. E ainda mais acima, nas duas colinas que são como os vértices da cidade, fica a sede da missão: tetos de zinco, estacas de barro e de madeira, paredes branqueadas a cal, tela metálica nas janelas, portas de madeira.

— Não vamos perder tempo, Bonifacia — disse a superiora. — Conte tudo.

— Ela estava na capela — disse a madre Angélica. — As madres a encontraram.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Bonifacia — disse a superiora. — O que está esperando?

Estava vestindo uma túnica azul, uma espécie de envoltório que escondia seu corpo dos ombros até os tornozelos, e seus pés descalços, da mesma cor das tábuas acobreadas do chão, jaziam juntos: dois animais chatos, policéfalos.

— Não ouviu? — disse a madre Angélica. — Responda de uma vez.

O véu escuro que emoldurava o rosto da garota e a penumbra do gabinete acentuavam a ambiguidade da sua expressão, entre arisca e indolente, e seus grandes olhos fitavam fixamente a escrivainha; às vezes, a chama do lampião agitada pela brisa que vinha do pomar revelava a sua cor verde, sua suave cintilação.

— Roubaram as chaves? — disse a madre superiora.

— Você não muda, sua descuidada! — a mão da madre Angélica voou até a cabeça da Bonifacia. — Está vendo no que deu a sua negligência?

— Deixe comigo, madre — disse a superiora. — Não me faça perder mais tempo, Bonifacia.

Os braços da moça pendiam nos flancos, a cabeça permanecia baixa, a *itípak* só revelava um ligeiro movimento no peito. Seus lábios retos e espessos estavam soldados num ricto áspero, e o nariz se dilatava e se franzia levemente, num ritmo sempre igual.

— Vou ficar aborrecida, Bonifacia, estou falando com consideração, e você é como se nem ouvisse — disse a superiora. — A que horas deixou-as sozinhas? Não trancou o dormitório a chave?

— Fale de uma vez, demônio! — a madre Angélica torceu a *itípak* de Bonifacia. — Deus vai castigar este seu orgulho.

— Você tem o dia todo para ir à capela, mas de noite seu dever é cuidar das pupilas — disse a superiora. — Por que saiu do dormitório sem autorização?

Dois batidinhas breves soaram na porta do gabinete, as madres se viraram, Bonifacia levantou um pouco as pálpebras e, por um segundo, seus olhos ficaram maiores, mais verdes e mais intensos.

Das colinas do povoado se divisa, cem metros à frente, na margem direita do rio Nieva, o barraco de Adrián Nieves, sua chacrinha, e depois só um dilúvio de cipós, matagais, árvores de galhos tentaculares e copas altíssimas. Nas proximidades da praça fica a aldeia indígena, uma aglomeração de cabanas erguidas sobre árvores decapitadas. Por ali o lodo devora a erva selvagem e circunda poças de água fétida fervilhantes de girinos e de lombrigas. Aqui e acolá, diminutos e quadriculados, há roçados de mandioca, milho, pomares minúsculos. Da missão, uma trilha

íngreme desce até a praça. E atrás da missão um muro terroso resiste à pressão do bosque, o furioso ataque vegetal. Nesse muro há uma porta trancada, fora de uso.

— É o governador, madre — disse a madre Patrocínio.  
— Pode?

— Sim, mande-o entrar, madre Patrocínio — disse a superiora.

A madre Angélica levantou o lampião e resgatou duas figuras imprecisas da escuridão da soleira. Enrolado numa coberta, de lanterna na mão, dom Fabio entrou fazendo medidas:

— Estava dormindo e vim às pressas, madre, desculpe esta cara — apertou a mão da superiora, da madre Angélica.  
— Como pode ter acontecido isso, juro que não consigo acreditar. Imagino como estão se sentindo, madre.

Seu crânio calvo parecia úmido, seu rosto magro sorria para as madres.

— Sente-se, dom Fabio — disse a superiora. — Obrigada por ter vindo. Traga uma cadeira para o governador, madre Angélica.

Dom Fabio sentou-se e a lanterna que estava em sua mão esquerda se acendeu: uma rodela dourada sobre o tapete de tucumã.

— Já foram procurá-las, madre — disse o governador.  
— O tenente também. Não se preocupe, vão encontrá-las ainda esta noite.

— Aquelas pobres crianças por aí, ao deus-dará, dom Fabio, imagine — suspirou a superiora. — Felizmente não está chovendo. Não pode imaginar o susto que tivemos.

— Mas como foi, madre — perguntou dom Fabio. — Ainda me parece mentira.

— Um descuido dela — disse a madre Angélica, apontando para Bonifacia. — Deixou-as sozinhas e foi à capela. Deve ter esquecido de fechar a porta.

O governador olhou para Bonifacia e seu rosto assumiu um ar severo e dolorido. Mas um segundo depois sorriu e fez uma medida para a superiora.

— As meninas são inconscientes, dom Fabio — disse a superiora. — Não têm noção dos perigos. Isto é o que mais nos preocupa. Um acidente, um animal.

— Ah, que meninas — disse o governador. — Está vendo, Bonifacia, você precisa ser mais cuidadosa.

— Peça a Deus que não aconteça nada com elas — disse a superiora. — Senão, vai ter remorsos a vida inteira, Bonifacia.

— Ninguém as ouviu saindo, madre? — perguntou dom Fabio. — Pelo povoado não passaram. Devem ter ido pelo mato.

— Saíram pela porta do pomar, por isso não ouvimos — disse a madre Angélica. — Roubaram a chave desta tola.

— Não me chame de tola, *mamita* — disse Bonifacia, com os olhos arregalados. — Não me roubaram.

— Tola, completamente parva — disse a madre Angélica. — Ainda se atreve? E não me chame de *mamita*.

— Eu abri a porta para elas — Bonifacia quase nem abriu os lábios. — Eu as deixei fugir, vê que não sou tola?

Dom Fabio e a superiora adiantaram as cabeças na direção de Bonifacia, a madre Angélica fechou, abriu a boca, roncou antes de conseguir falar:

— O que está dizendo? — roncou de novo. — Você as deixou fugir?

— Sim, *mamita* — disse Bonifacia. — Deixei.

— Já está triste outra vez, Fushía — disse Aquilino. — Não fique assim, homem. Vamos, converse um pouco para a tristeza passar. Conte de uma vez como foi que fugiu.

— Onde estamos, velho? — disse Fushía. — Falta muito para entrar no Marañón?

— Faz tempo que entramos — disse Aquilino. — Você nem percebeu, estava roncando feito um anjinho.

— Foi de noite? — disse Fushía. — Como não senti as corredeiras, Aquilino?

— Estava tão claro que parecia de madrugada, Fushía — disse Aquilino: — O céu era pura estrela e o tempo, o melhor do mundo, nem uma mosca se mexia. De dia aparecem pescadores, às vezes uma lancha da guarnição, de noite é mais seguro. E de qualquer forma você nem ia sentir as corredeiras, eu as conheço de cor e salteado. Mas não faça essa cara, Fushía. Pode se levantar se quiser, deve estar quente aí embaixo dos cobertores. Não vem ninguém, somos os donos do rio.

— Prefiro ficar aqui — disse Fushía. — Estou com frio, meu corpo todo está tremendo.

— Certo, homem, fique onde se sentir melhor — disse Aquilino. — Vamos, conte de uma vez como fugiu. Por que estava trancafiado? Que idade tinha?

Ele tinha ido à escola e por isso o turco lhe dera um biscoito no armazém. Fazia as contas, Aquilino, nuns livros que se chamam Débito e Crédito. E embora fosse honesto nessa época, já sonhava em ficar rico. Como economizava, velho, só comia uma vez por dia, nada de cigarro, nada de bebida. Queria arranjar um capitalzinho para fazer negócios. E veja como são as coisas, o turco cismou que estava roubando, pura mentira, e o mandou para a cadeia. Ninguém quis acreditar que ele era honesto e o meteram num calabouço com dois bandidos. Não era a coisa mais injusta do mundo, velho?

— Mas isso você já contou quando saímos da ilha, Fushía — disse Aquilino. — Quero que me diga como foi que fugiu.

— Com esta gazua — disse Chango — que o Iricuo fabricou com arame do estrado. Já experimentamos, abre a porta sem fazer barulho. Quer ver, japonêsinho?

Chango era o mais velho, estava lá por problemas com drogas, e tratava Fushía com carinho. Iricuo, ao contrário, sempre zombava dele. Era um bandido que tinha extorquido muita gente com o conto da herança, velho. Foi ele quem fez o plano.

— E deu certo, Fushía? — disse Aquilino.

— Certíssimo — disse Iricuo. — Vocês não sabem que no ano-novo todos eles somem? Só ficou um no pavilhão, basta arrancar as chaves antes que ele jogue para o outro lado da grade. Depende disso, rapazes.

— Abra de uma vez, Chango — disse Fushía. — Não aguento mais, Chango, abra.

— Você deveria ficar aqui, japonêsinho — disse Chango. — Um ano passa rápido. Nós não perdemos nada, mas se a coisa falhar você se dana, pega mais dois anos.

Mas ele insistiu e saíram e o pavilhão estava vazio. Encontraram o guarda dormindo junto à grade, com uma garrafa na mão.

— Dei-lhe uma pancada com o pé da cama e ele desabou — disse Fushía. — Acho que o matei, Chango.

— Rápido, idiota, já estou com as chaves — disse Iricuo.  
— Temos que atravessar o pátio correndo. Pegou o revólver?

— Vou passar primeiro — disse Chango. — Os outros, na porta principal, também devem estar bêbados como este.

— Mas estavam acordados, velho — disse Fushía.  
— Eram dois, jogando dados. Que olhos abriram quando nós entramos.

Iricuo apontou o revólver: se não abrissem o portão ia começar uma chuva de balas, seus putos. E qualquer grito que dessem começava, e depressa senão começava, seus putos, a chuva de balas.

— Amarre-os, japonêsinho — disse Chango. — Com os cintos. E enfie as gravatas nas bocas. Rápido, japonêsinho, rápido.

— Não funciona, Chango — disse Iricuo. — Nenhuma delas é a do portão. Chegamos quase lá, rapazes.

— Tem que ser uma dessas, continue tentando — disse Chango. — O que é isso, rapaz, por que está chutando os guardas.

— E por que fazia isso, Fushía? — disse Aquilino.  
— Não entendo, numa hora dessas só se pensa em fugir, mais nada.

— Estava com raiva de todos aqueles cachorros — disse Fushía. — Como nos tratavam, velho. Sabe que mandei os dois para o hospital? Nos jornais diziam crueldade do japonês, Aquilino, vinganças de oriental. Eu ria, nunca tinha saído de Campo Grande e era mais brasileiro que qualquer um.

— Agora é peruano, Fushía — disse Aquilino. — Quando o conheci em Moyobamba, você ainda podia ser brasileiro, falava um pouco esquisito. Mas agora fala como os cristãos daqui.

— Nem brasileiro nem peruano — disse Fushía. — Uma merda, velho, um verdadeiro lixo, isso é o que sou agora.

— Por que tanta violência? — disse Iricuo. — Por que bateu neles? Se nos pegarem, eles nos matam de porrada.

— Tudo está indo bem, não há tempo para discutir — disse Chango. — Precisamos nos esconder, Iricuo, e rápido, japonêsinho, pegue o carro e venha voando.

— No cemitério? — disse Aquilino. — Isso não é coisa de cristãos.

— Não eram cristãos, eram bandidos — disse Fushía.  
— Os jornais diziam entraram no cemitério para abrir os túmulos. As pessoas são assim, velho.

— E você roubou o carro do turco? — disse Aquilino.  
— Como foi que pegaram os outros e você escapou?

— Eles ficaram a noite toda no cemitério, à minha espera — disse Fushía. — A polícia apareceu ao amanhecer. Eu já estava longe de Campo Grande.

— Quer dizer que você os traiu, Fushía — disse Aquilino.

— Por acaso não trai todo mundo? — disse Fushía. — O que foi que fiz com Pantacha e os huambisas? O que foi que fiz com Jum, velho?

— Mas nessa época você não era mau — disse Aquilino.  
— Você mesmo disse que era honesto.

— Antes de entrar na cadeia — disse Fushía. — Lá, deixei de ser.

— E como veio para o Peru? — disse Aquilino. — Campo Grande deve ficar bem longe.

— Em Mato Grosso, velho — disse Fushía. — Os jornais diziam o japonês está indo para a Bolívia. Mas eu não era tão bobo, andei por tudo o que é lado, passei um bocado de tempo fugindo, Aquilino. E afinal cheguei a Manaus. De lá era fácil passar para Iquitos.

— E foi lá que conheceu o senhor Julio Reátegui, Fushía? — perguntou Aquilino.

— Daquela vez não o conheci pessoalmente — disse Fushía. — Mas ouvi falar dele.

— Que vida você teve, Fushía — disse Aquilino. — Quanta coisa viu, quantos lugares conheceu. Eu gosto de ouvir, não imagina como é interessante. E você, não gosta de contar tudo isso? Não sente que assim a viagem passa mais rápido?

— Não, velho — disse Fushía. — Não sinto nada além de frio.

Ao atravessar a região das dunas, o vento que desce da cordilheira se aquece e consolida: armado de areia, segue o curso do rio e, quando chega à cidade, surge entre o céu e a terra como

uma couraça deslumbrante. Ali esvazia suas vísceras: todos os dias do ano, na hora do crepúsculo, uma chuva seca e fina como serragem de madeira, que só para ao amanhecer, cai sobre as praças, os telhados, as torres, os campanários, as varandas e as árvores, e pavimenta de branco as ruas de Piura. Os forasteiros se enganam quando dizem “*as casas da cidade estão prestes a cair*”: os rangidos noturnos não vêm das construções, que são antigas mas robustas, e sim dos invisíveis, incontáveis, minúsculos projéteis de areia batendo nas portas e nas janelas. Também se enganam quando pensam: “*Piura é uma cidade retraída, triste.*” As pessoas se trancam em casa ao entardecer para fugir do vento sufocante e do ataque de areia que machuca a pele como espetadas de agulhas e a deixa vermelha e ferida, mas nos barracos de Castilla, nos casebres de barro e bambu bravo da Mangachería, nas *picanterías* e *chicherías* da Gallinacera, nas residências dos poderosos no porto e na Praça de Armas, todos se divertem como gente de qualquer outro lugar, bebendo, ouvindo música, conversando. O aspecto abandonado e melancólico da cidade desaparece na soleira das casas, mesmo as mais humildes, as frágeis moradias enfileiradas nas margens do rio, do outro lado do matadouro.

A noite piurana é cheia de histórias. Os camponeses falam de assombrações; no seu canto, enquanto cozinham, as mulheres contam fofocas, desgraças. Os homens tomam tigelinhas de chicha amarela, ásperos copos de aguardente de cana. Esta é serrana, e muito forte: os forasteiros choram quando a provam pela primeira vez. As crianças rolam no chão, brigam, tapam os buracos das minhocas, fabricam armadilhas para as iguanas ou, imóveis, de olhos esbugalhados, ouvem as histórias dos mais velhos: bandoleiros que espreitam nas bocainas de Canchaque, Huancabamba e Ayabaca para assaltar os viajantes e, às vezes, degolá-los; mansões onde penam os espíritos; curas milagrosas dos bruxos; enterros de ouro e prata que anunciam sua presença com sons de correntes e gemidos; milícias que dividem os fazendeiros da região em duas facções e percorrem o areal em todas as direções, buscando-se, atacando-se no meio de descomunais nuvens de poeira, e ocupam casarios e distritos, confiscam animais, recrutam homens a laço e pagam tudo com papéis que chamam de Bônus da Pátria, milícias que os adolescentes ainda viram entrar em Piura como um furacão galopante, armar suas

barracas na Praça de Armas e derramar uniformes vermelhos e azuis pela cidade; histórias de desafios, adultérios e catástrofes, de mulheres que viram a Virgem da Catedral chorar, o Cristo levantar a mão, o Menino Deus sorrir furtivamente.

Aos sábados, geralmente há festas. Como uma onda elétrica, a alegria percorre a Mangachería, Castilla, a Gallinacera, os barracos da margem do rio. Em toda Piura ressoam toadas e *pasillos*, valsas lentas, os *huaynos* que os serranos dançam batendo os pés descalços no chão, ágeis marinheiras, *tristes* com fuga de *tondero*. Quando a embriaguez se espalha e cessam os cantos, o dedilhar dos violões, o trovejar das caixas e o choro das harpas, no casario que abraça Piura como uma muralha surgem sombras repentinas que desafiam o vento e a areia: são casais jovens, ilícitos, que escorregam para o bosque ralo de alfarrobeiras que sombreia o areal, as prainhas escondidas do rio, as grutas que dão para Catacaos, os mais audazes até o começo do deserto. Lá se amam.

No coração da cidade, nos quarteirões que cercam a Praça de Armas, em casarões de paredes caídas e varandas com persianas, moram os fazendeiros, os comerciantes, os advogados, as autoridades. De noite se reúnem nos pomares, sob as palmeiras, e falam das pragas que ameaçam este ano o algodão e os canaviais, especulam se o rio vai chegar a tempo e se virá caudaloso, comentam o incêndio que devorou umas roças de Chápiro Seminario, a briga de galos do domingo, a *pachamanca* que vão organizar para receber o novo médico local: Pedro Zevallos. Enquanto eles jogam cartas, dominó, nos salões cheios de tapetes e penumbras, entre óleos ovais, grandes espelhos e móveis forrados de damasco, as senhoras rezam o rosário, negociam os futuros noivados, programam as recepções e as festas de beneficência, sorteiam as obrigações para a procissão e os enfeites dos altares, organizam quermesses e comentam os mexericos sociais do jornal local, uma folha em cores que se chama *Ecos y Noticias*.

Os forasteiros não conhecem a vida íntima da cidade. O que detestam em Piura? Seu isolamento, os vastos areais que a separam do resto do país, a falta de estradas, as extensíssimas travessias a cavalo sob um sol escaldante e as emboscadas dos bandoleiros. Chegam ao hotel La Estrella del Norte, que fica na

Praça de Armas e é uma mansão meio desbotada, alta como o coreto onde se faz a retreta dos domingos e em cuja sombra se instalam os mendigos e os engraxates, e têm que ficar trancados, a partir das cinco da tarde, vendo através das cortinas como a areia toma conta da cidade solitária. Na cantina do La Estrella del Norte bebem até cair. “*Aqui não é como em Lima*”, dizem, “*não há onde se divertir; o pessoal de Piura não é mau, mas como é austero, como é diurno*”. Queriam espeluncas que fervilhassem a noite toda para torrar seus ganhos. Por isso, quando vão embora, costumam falar mal da cidade, chegam até à calúnia. E por acaso há povo mais hospitaleiro e cordial que o piurano? Recebe em triunfo os forasteiros, disputa-os quando o hotel está cheio. Os poderosos divertem da melhor maneira que podem esses vendedores de gado, negociantes de algodão, cada autoridade que chega: organizam caçadas de veado nas serras de Chulucanas em sua homenagem, fazem passeios pelas fazendas, mandam preparar *pachamanca*. As portas de Castilla e da Mangachería estão sempre abertas para os índios que emigram da serra e chegam à cidade famintos e atemorizados, para os feiticheiros expulsos das aldeias pelos padres, para os mercadores de miudezas que vêm tentar fortuna em Piura. Vendedoras de chicha, aguadeiros, varredores os acolhem familiarmente, compartilham com eles sua comida e seus ranchos. Quando partem, os forasteiros sempre levam presentes. Mas nada os satisfaz, têm fome de mulher e não suportam a noite piurana, onde só não dorme a areia que cai do céu.

Tanto desejavam mulher e diversão noturna aqueles ingratos que, afinal, o céu (“*o diabo, o maldito chifrudo*”, diz o padre García) acabou fazendo a sua vontade. E foi assim que surgiu, buliçosa e frívola, noturna, a Casa Verde.

O cabo Roberto Delgado fica um bom tempo rondando a entrada da sala do capitão Artemio Quiroga, sem se decidir. Entre o céu cinzento e a guarnição de Borja passam lentamente nuvens negras, e os sargentos, na esplanada vizinha, treinam os recrutas: atenção porra, descanso porra. O ar está carregado de vapor úmido. Afinal, quando muito uns palavrões e o cabo empurra a porta e cumprimenta o capitão que sentado em frente à escrita-

ninha, abanando-se com a mão: o que era, o que queria e o cabo uma licença para ir a Bagua, seria possível? O que havia com o cabo, o capitão agora se abana furiosamente com as duas mãos, que bicho o tinha picado. Mas os bichos não picavam o cabo Roberto Delgado porque era selvagem, meu capitão, de Bagua: queria uma licença para ver a família. E lá vinha, de novo, a maldita chuva. O capitão se levanta, fecha a janela, volta para a cadeira com as mãos e o rosto encharcados. Então os insetos não o picavam, será que tinha sangue ruim?, na certa não queriam se envenenar, era por isso que não o mordiam e o cabo admite: podia ser, meu capitão. O oficial sorri como um autômato e a chuva impregnou o aposento de ruídos: as gotas caem como pedradas no zinco do teto, o vento assobia nas frestas do tabique. Quando o cabo tivera a sua última licença?, ano passado? Ah, bom, isso eram outros quinhentos e o rosto do capitão fica tenso. Então tinha direito a uma licença de três semanas e sua mão se levanta, ia para Bagua?, então podia lhe fazer umas compras, e bate na própria bochecha e esta enrubesce. O cabo faz uma expressão grave. Por que não ri?, não era engraçado que o capitão desse palmadas na própria cara? E o cabo não, que ideia, meu capitão, que nada. Uma faísca jovial cruza os olhos do oficial, adoça a sua boca ácida, caboclinho: ou ria às gargalhadas ou não havia licença. O cabo Roberto Delgado olha confuso para a porta, para a janela. Por fim abre a boca e ri, a princípio um riso desinteressado e artificial, depois naturalmente e, afinal, com alegria. O pernilongo que tinha mordido o capitão era uma fêmea, e o cabo treme de riso, só as fêmeas picavam, sabia?, os machos eram vegetarianos e o capitão fora daqui de uma vez, o cabo emudece: cuidado com os insetos no caminho para Bagua, que não fossem comê-lo de tão engraçadinho. Mas não era graça, era coisa científica, só as fêmeas chupavam o sangue: o tenente De la Flor explicou isso, meu capitão, e o capitão pouco lhe importava que fossem fêmeas ou machos, ardia do mesmo jeito e quem foi que lhe perguntou alguma coisa, sabichão? Mas o cabo não estava caçoando, meu capitão e olhe só, havia um remédio que não falhava, uma pomada que os urakusas faziam, ia lhe trazer um garrafão, meu capitão e o capitão queria que falassem com ele em cristão, quem eram esses urakusas. Mas como o cabo ia falar em cristão, os aguarunas que moravam em Urakusa se chamavam assim e

por acaso o capitão viu algum índio ser mordido por insetos? Eles tinham os seus segredos, faziam umas pomadas com resinas de árvores e se lambuzavam com elas, pernilongo que chegasse perto morria na hora e ele ia trazer, meu capitão, uma garrafa, palavra que ia lhe trazer. Esta manhã o cabo estava de ótimo humor, quero ver que cara faria se os pagãos lhe reduzissem a cachola e o cabo que boa, que boa, meu capitão: já estava vendo sua cabeça deste tamanhinho. E para que o cabo ia até Urakusa? Só para lhe trazer essa pomadinha? E o cabo claro, claro, e além do mais porque cortava caminho, meu capitão. Senão, passaria a licença inteira viajando e não teria tempo para a família e os amigos. Todo mundo em Bagua era como o cabo?, e ele pior, tão sem-vergonhas?, muito pior, meu capitão, não podia imaginar e o capitão ri com entusiasmo e o cabo o imita, observa, mede com os olhos entrecerrados e de repente, podia levar um piloto, meu capitão?, um ajudante?, podia? E o capitão Artemio Quiroga, como? o cabo se achava muito sabido, não é?, primeiro o amaciava com palhaçadas, o capitão ria e ele queria lhe passar a perna, não é? Mas sozinho o cabo ia demorar horrores, meu capitão, por acaso havia estradas?, como podia ir e voltar de Bagua em tão poucos dias sem um piloto, e todos os oficiais iam fazer encomendas, precisava de alguém para ajudar com os pacotes, que o deixasse levar um piloto e um ajudante, palavra que lhe traria aquela pomadinha mata-insetos, meu capitão. Agora trabalhava seu coração: esse cabo sabia tudo, e o cabo o senhor é uma grande pessoa, meu capitão. Havia um piloto entre os recrutas que chegaram semana passada, podia levar esse e um ajudante que fosse da região. Mas isso sim, três semanas, nem um dia a mais e o cabo nem um só, meu capitão, jurava. Bate os calcanhares, faz continência e para na porta desculpe, meu capitão, como se chama o piloto? E o capitão Adrián Nieves e o cabo já ia porque ainda tinha muito trabalho pela frente. O cabo Roberto Delgado abre a porta, sai, um vento úmido e ardente invade o quarto, agita levemente o cabelo do capitão.

Bateram na porta, Josefino Rojas foi abrir e não viu ninguém na rua. Já estava escurecendo, as luzes do *jirón* Tacna ainda não estavam acesas, uma brisa circulava timidamente pela cidade. Jo-

sefino deu uns passos até a avenida Sánchez Cerro e viu os León, num banco da pracinha, ao lado da estátua do pintor Merino. José tinha um cigarro nos lábios, o Macaco limpava as unhas com um palito de fósforo.

— Quem morreu? — disse Josefino. — Por que essas caras de enterro.

— Segure-se para não cair de costas, inconquistável — disse o Macaco. — Lituma chegou.

Josefino abriu a boca mas não disse nada; ficou alguns segundos piscando, com um sorriso perplexo e apático que franzia todo o seu rosto. Começou a esfregar as mãos, suavemente.

— Há duas horas, no ônibus da Roggero — disse José.

As janelas do Colégio San Miguel estavam iluminadas e, do portão, um inspetor apressava os alunos da noite batendo palmas. Rapazes de uniforme vinham conversando sob as alfarobeiras sussurrantes da rua Liberdade. Josefino tinha enfiado as mãos nos bolsos.

— Seria bom que você viesse — disse o Macaco. — Ele está nos esperando.

Josefino tornou a atravessar a avenida, fechou a porta da sua casa, voltou à pracinha e os três começaram a andar, em silêncio. Poucos metros depois do *jirón* Arequipa cruzaram com o padre García que, envolto em seu cachecol cinza, avançava dobrado em dois, arrastando os pés e ofegando. Sacudiu o punho e gritou “ímpios!”. “Incendiário!”, respondeu o Macaco, e José “incendiário!, incendiário!”. Iam pela calçada da direita, Josefino no centro.

— Mas os da Roggero chegam de manhã ou de noite, nunca a esta hora — disse Josefino.

— Ficaram parados na subida de Olmos — disse o Macaco. — Estourou um pneu. Trocaram e depois furaram outros dois. Que sortudos.

— Ficamos paralisados quando o vimos — disse José.

— Ele queria sair para comemorar na mesma hora — disse o Macaco. — Ficou se arrumando enquanto viemos buscar você.

— Isso me pegou de surpresa, droga — disse Josefino.

— O que vamos fazer agora? — disse José.

— O que você mandar, primo — disse o Macaco.

— Tragam o coleguinha, então — disse Lituma. — Vamos tomar umas e outras com ele. Vão, digam a ele que o inconquistável número quatro voltou. Quero ver que cara ele faz.

— Está falando sério, primo? — disse José.

— Muito sério — disse Lituma. — Trouxe umas garrafas de Sol de Ica, vamos esvaziar uma com ele. Que vontade de vê-lo, juro. Vão lá, enquanto eu troco de roupa.

— Toda vez que fala de você ele diz o coleguinha, o inconquistável — disse o Macaco. — Gosta de você tanto quanto de nós.

— Imagino que fez um monte de perguntas — disse Josefino. — O que vocês inventaram?

— Engano seu, nem falamos do assunto — disse o Macaco. — Ele nem a mencionou. Quem sabe esqueceu dela.

— Quando chegarmos vai nos bombardear de perguntas — disse Josefino. — Temos que resolver a coisa hoje mesmo, antes que alguém conte a ele.

— Você se encarrega — disse o Macaco. — Eu não tenho coragem. O que vai dizer?

— Não sei — disse Josefino —, depende de como corram as coisas. Se pelo menos tivesse avisado que vinha. Mas aparecer assim, de supetão. Que diabo, eu não esperava isso.

— Pare de esfregar essas mãos — disse José. — Está me contagiando o seu nervosismo, Josefino.

— Ele mudou muito — disse o Macaco. — Nota-se que os anos passaram, Josefino. E não está tão gordo como antes.

As luzes da avenida Sánchez Cerro acabavam de se acender e as casas ainda eram amplas, suntuosas, com paredes claras, varandas de madeira trabalhada e aldravas de bronze, mas ao fundo, nos estertores azuis do crepúsculo, já aparecia o perfil irregular e impreciso da Mangachería. Uma caravana de caminhões desfilava pela pista em direção à Ponte Nova e, nas calçadas, havia casais encostados nos portões, turmas de rapazes, lentos anciãos com bengalas.

— Os brancos ficaram valentes — disse Lituma. — Agora passeiam pela Mangachería como se estivessem em casa deles.

— A culpa é da avenida — disse o Macaco. — Foi uma violência contra os mangaches. Durante a obra, o harpista dizia

nos desgraçaram, acabou-se a independência, todo mundo vai meter o nariz no bairro. Dito e feito, primo.

— Agora não há branco que não termine suas festas nas chicherías — disse José. — Viu como Piura cresceu, primo? Edifícios novos em todos os lados. Mas isso não vai chamar a sua atenção, chegando de Lima.

— Vou dizer uma coisa a vocês — disse Lituma. — Para mim acabaram as viagens. Pensei muito durante este tempo e percebi que me dei mal por não ter ficado na minha terra, como vocês. Pelo menos aprendi uma coisa, que quero morrer aqui.

— Pode ser que mude de ideia quando souber o que aconteceu — disse Josefino. — Vai ter vergonha de ser apontado na rua. E então vai embora.

Josefino parou de andar e puxou um cigarro. Os León fizeram uma proteção com as mãos para que a brisa não apagasse o fósforo. Continuaram andando, devagar.

— E se não for? — disse o Macaco. — Piura vai ficar pequena para os dois, Josefino.

— É difícil que Lituma vá embora, porque já virou piurano até os ossos — disse José. — Não é como quando voltou da cordilheira, detestando tudo o que era daqui. Em Lima seu amor pela terra despertou.

— Nada de *chifas* — disse Lituma. — Quero pratos piuranos. Um bom *seco de chabelo*, um *piqueo* e *clarito a mares*.

— Então vamos para o restaurante de Angélica Mercedes, primo — disse o Macaco. — Continua sendo a rainha das cozinheiras. Não se esqueceu dela, certo?

— É melhor em Catacaos, primo — disse José. — No Carro Hundido, é o melhor *clarito* que conheço.

— Como estão contentes com a chegada de Lituma — disse Josefino. — Parece que hoje é dia de festa para vocês dois.

— Afinal de contas, ele é nosso primo, inconquistável — disse o Macaco. — É sempre um prazer rever alguém da família.

— Temos que levá-lo a algum lugar — disse Josefino. — Deixá-lo um pouco alto, antes de falar com ele.

— Mas espere, Josefino — disse o Macaco —, não acabamos de contar.

---

— Amanhã vamos à casa da dona Angélica — disse Lituma. — Ou a Catacaos, se preferirem. Mas hoje já sei onde quero festejar a minha volta, vocês têm que fazer o que quero.

— Onde quer ir, merda? — disse Josefino. — Ao Rainha, ao Três Estrelas?

— À casa da Chunga Chunguita — disse Lituma.

— Que coisa — disse o Macaco. — À Casa Verde, nada mais, nada menos. Veja só, incontestável.